



A AUTONOMIA DA TÉCNICA EM JACQUES ELLUL

VANESSA DELAZERI MOCELLINI¹

Resumo: Este artigo analisa a concepção de técnica moderna como sendo uma entidade autônoma com relação à vida humana, apesar do homem ser o criador das técnicas e artefatos, a partir das ideias de Jacques Ellul. A concepção de técnica como autônoma perpassa por diversas características que somente dizem respeito à técnica moderna enquanto “fenômeno técnico” que se mostra como uma realidade que, uma vez instalada, escapa ao controle humano.

Palavras-chave: Autonomia da Técnica. Determinismo tecnológico. Fenômeno técnico.

THE AUTONOMY OF TECHNIQUE IN JACQUES ELLUL

Abstract: This article analyzes the definition of modern technique as an autonomous entity related to human life, despite Jacques Ellul’s thoughts on techniques and artifacts as human creations. The Ellulian concept of technique as an autonomous entity permeates several features that only express modern technology as the

1. Universidade Federal de Santa Catarina. Email: vanamocellin@gmail.com

“technical phenomenon”, in which appears as a reality that, once installed, escapes human control.

Key-Words: Autonomy of Technique. Technological determinism. Technical phenomenon.

INTRODUÇÃO:

O presente artigo tem por objetivo apresentar os argumentos e conceitos que compõem a definição de técnica² autônoma desenvolvida por Jacques Ellul. Para isso, precisamos compreender que sua argumentação pode ser dividida em duas etapas, a primeira que visa deixar claro que a técnica antiga é diferente da moderna, compartilhando em certa medida a mesma divisão entre técnica antiga e técnica moderna proposta por Martin Heidegger (2006b), e que contribui para a articulação da técnica enquanto fenômeno técnico. E uma segunda etapa, que aborda todas as características da técnica percebidas pelo autor, as quais coadunam para culminar no conceito de autonomia da técnica por ele proposto.

Jacques Ellul (1912-1994), assim como Martin Heidegger (1889-1976), pode ser considerado um dos principais autores que tratam a técnica de modo pessimista, apontando para sua característica determinística – em oposição ao construtivismo social³ - ou seja, transformando a técnica num elemento capaz de determinar a realidade social, e que não pode ser, e nem deve ser, modificado por valores humanos e sociais, obedecendo unicamente aos seus próprios valores. Mas que valores são estes? Que características tornam a técnica autônoma e um risco para o humano? Veremos a seguir, portanto, os argumentos que Ellul expõe para a definição de técnica como autônoma e sua influência sobre a sociedade e o humano, partindo principalmente de sua obra “La technique ou l’enjeu du siècle” (2008) ou “A Técnica e o desafio do século” (1968), que é a obra mais importante do autor sobre o assunto, com o auxílio de “Le système technicien” (1977), dos textos “Conformismo e a Base lógica da Tecnologia” (1974), “El Orden Tecnológico” (2004) e “La technique considérée en tant que système” (2004b).

2. Neste artigo o termo ‘técnica’ terá o sentido utilizado por Jacques Ellul (1969), ou seja, será o termo mais geral que abarca tanto a técnica antiga como a técnica moderna, sendo esta última sinônimo de tecnologia.

3. Os autores defensores do construtivismo social da tecnologia, entre eles Wiebe Bijker e Trevor Pinch (2008) argumentam que a tecnologia não determina a ação humana, ao passo que é a ação e necessidade humana que determinam o desenvolvimento tecnológico, bem como o seu uso é entendido através do contexto social na qual está inserida.

1.A DEFINIÇÃO DE TÉCNICA ENQUANTO FENÔMENO TÉCNICO.

Para Ellul (1968, p. 01) “quem diz técnica pensa imediatamente em máquina.” Entretanto, ainda que pertencente ao senso comum, esta concepção é questionada pelo autor, que esclarece que apesar de ser muito comum fazer essa relação entre técnica e máquina, tal relação mesmo que verdadeira não é completa. A técnica, para ele, portanto, não se resume aos artefatos que utilizamos, mas consiste também em conhecimentos teóricos aplicáveis. A máquina, segundo Ellul (1968, p. 01), é apenas uma pequena parcela da técnica, é apenas a forma mais compacta e evidente da técnica, é a técnica em estado puro. Ao passo que a técnica “assume hoje em dia a totalidade das atividades do homem, e não apenas sua atividade produtora” (ELLUL, 1968, p. 02), e em relação ao produzir, ela é mais que o maquinário, ela é o que possibilita que tal maquinário seja construído e até mesmo determina seu funcionamento. Deste modo, poderíamos concluir que, para Ellul, a técnica seria a junção entre teoria e práxis, para além de um simples fazer.

Ellul (1968 e 1977) ainda chama a atenção para o fato de que a máquina enquanto fator decisivo em nossa sociedade criou um ambiente inumano⁴. Não só a máquina nos ajudou a driblar os fatores da natureza, fatores que dominavam e prejudicavam a satisfação das necessidades mais básicas do humano, como transformou o ambiente em algo sem vida, não muito além de concreto e barulho.

O homem vivia em uma atmosfera anti-humana. Concentração de grandes cidades, casas sujas, falta de espaço, falta de ar, falta de tempo, calçadas sombrias e luz pálida que faz o tempo desaparecer, usinas desumanizadas, insatisfação dos sentidos, trabalho das mulheres, distância da natureza. A vida não faz mais sentido. Transportes públicos onde o homem é menos que um pacote, hospitais onde é apenas um número, o “três-oito”, e ainda é um progresso... E o barulho, o monstro afligindo a noite toda sem conceder à miséria uma pausa. Proletários e alienados, essa é a condição humana diante da máquina (ELLUL, 2008, p.02-03, tradução nossa).

Desta forma, podemos compreender que para Ellul (1968) a técnica possui um contato íntimo com o humano, que ela transforma tudo que ainda não é técnico em técnica, e coloca à disposição do humano – e disposição⁵ aqui não é apenas a serviço, mas sim uma maneira de transformar ainda mais o ambiente em técnico. E, podemos compreender ainda, que a máquina se instalou num meio que não é feito para ela, e que é exatamente por isso que ela transformou esse meio em inumano. A

4. O termo “inumano” utilizado por Ellul pode ser compreendido como “antinatural”, pois se considera que o humano faça parte da natureza.

5. Optou-se pelo termo “disposição”, pois este faz referência ao “dispositivo” ou “Gestell” utilizado por Heidegger (2006b).

técnica integrou a máquina na sociedade, e transformou os domínios sociais através de sua eficácia, fez para ela um mundo no qual ela se encaixava.

Deste modo, a técnica adapta tudo, todas as coisas. Integrou o meio a sua própria necessidade técnica e antinatural, e integrou também o próprio humano ao mundo inumano. Mas também mudou a disposição do humano frente ao mundo técnico, que se mostra tão uno e perfeito, suprimindo todas suas necessidades, que ele nem sente mais angústia frente a todo este aparato mundano. A técnica vela os problemas e a dominação que pode causar ao humano, e este se sente consolado ao perceber tamanha integridade e perfeição no funcionamento. O racional acaba com as possibilidades de erro e, sem possibilidades de escolher e errar, o humano se angustia menos, e se entrega à técnica:

A técnica integra todas as coisas. Evita os choques e os dramas; o homem não está adaptado a esse mundo de aço: ela o adapta. Mas é verdade também que no mesmo momento muda a disposição desse mundo cego para que nele o homem possa entrar sem ferir-se nas arestas e sentir a angústia do ser entregue ao inumano (ELLUL, 1968, p. 05).

E é nessa integração, segundo Ellul (2008), que a técnica deixa de ser objeto para se tornar sua própria substância. Ela penetra em todos os domínios e também no próprio humano, pois ela é um modo de “saber fazer”, é um modo de “impor regras de funcionamento” que, ao contrário da máquina, pode se instalar em todos os domínios da vida humana dando a impressão de ser ainda objeto para o homem manusear, contudo apenas permanece ao lado dele para dele fazer uso e assegurar sua própria autonomia.

Sabemos, assim, que o que está em jogo é a fronteira do humano e de sua relação com a técnica. Sabemos que o humano está cada vez mais entregue à técnica e que esta tem aparecido em todas as suas atividades, que está em todos os domínios da sociedade: não se trata mais da técnica mecânica e de seus equipamentos, mas sim da técnica organizacional⁶ que podemos encontrar em cada setor da atividade humana e cujos efeitos na sociedade levarão a cada vez mais à assimilação do humano pela técnica. Em resumo, podemos dizer que não é mais a técnica mecânica que impulsiona e caracteriza nosso tempo, mas sim a organização que se apresenta como a nova forma de técnica, não sendo, portanto, um fenômeno novo, mas o mesmo fenômeno técnico com outra forma e características mais severas.

Com todas essas mudanças, é possível entender que a técnica é um fenômeno muito mais extenso do que se supunha anteriormente e que à sua definição cabem

6. Ellul (2008) exemplifica o que ele entende como técnicas organizacionais através de quatro exemplos de grupos de técnicas que compõe o fenômeno técnico, sejam eles: 1- a técnica mecânica, que Ellul deixa de lado em sua análise, pois é evidente que ela pertence ao fenômeno técnico; 2- a técnica econômica; 3- a técnica do Estado; e 4- as técnicas do homem (psicológicas e de consumo ou marketing).

cuidados pela sua capacidade de objetivamente resolver cada novo problema gerado pela técnica mediante mais técnica.

A técnica, portanto, possui aspecto global, não pode ser limitada às técnicas de produção e nem econômicas, não diz respeito só às coisas, mas também às pessoas. Ela é universal, atinge todos os domínios, e exatamente por isso, podemos tratá-la como “Técnica” e não “técnica” – diferenciando a Técnica com ‘T’ maiúsculo da técnica com ‘t’ minúsculo, de modo que àquela (a primeira) representaria para nós o conceito de fenômeno técnico em sua universalidade. E a segunda, corresponderia a uma técnica qualquer que resolve um problema qualquer, sendo referente ao que Ellul (2008) chama de operação técnica. Assim podemos afirmar que, para o autor, a operação técnica é uma pequena parte do fenômeno técnico. “As operações técnicas eram (e são) diversas e limitadas pelos seus contextos culturais; a técnica é um fenômeno único, universal, que se impõe a todos os contextos” (CUPANI, 2011, p. 201-202).

Ellul (1968, p. 19) nos apresenta, assim, o conceito de ‘operação técnica’, como o método de trabalho para atingir um determinado fim, e assim resolver um problema; e afirma que com relação a esse método para atingir determinado fim, a técnica não mudou de natureza, apenas refinou seu processo através do progresso científico, não sendo possível diferenciar a natureza da técnica antiga da natureza da técnica moderna. A única diferença diz respeito à eficácia, umas operações técnicas podem ser mais eficazes que as outras. O que caracteriza, no entanto, uma operação técnica é a procura da eficácia. Tal procura estendida a todos os domínios e coisas caracteriza o fenômeno técnico:

[...] o fenômeno técnico pode ser resumido como ‘a busca do melhor meio em todos os campos’. O fenômeno técnico é, portanto, a preocupação da imensa maioria dos homens de nosso tempo, de buscar em todas as coisas o método absolutamente mais eficaz (ELLUL, 2008, p.18-19, tradução nossa).

Em outras palavras, Ellul distingue a técnica enquanto operação da Técnica enquanto fenômeno, de modo que a primeira é “o que o homem fez em todas as sociedades da Antiguidade quando utilizou certas técnicas para caçar, pescar, construir uma cabana, colher frutos” (BARRIENTOS-PARRA, 2015, p. 426-427) e a segunda é “o fenômeno técnico que o mundo ocidental conhece a partir do século XVIII, que faz a técnica ir além dessa ordem simplesmente prática” (BARRIENTOS-PARRA, 2015, p. 427). Assim, Ellul elucida que há uma mudança “do domínio experimental e espontâneo” (BARRIENTOS-PARRA, 2015, p. 427), para uma atividade racional e determinada, que possui um objetivo claro e específico que busca a eficácia em sua execução.

A procura pelos métodos mais eficazes é dividida pelo autor (1968) em duas intervenções essenciais para que seja possível o fenômeno técnico. Temos primeiro a intervenção da razão, que consiste em realizar um objeto conforme certos traços, e não necessariamente apenas em uma imitação da natureza. Esse é o caminho técnico, o da criação em prol dos fins e da eficácia. Já a intervenção da consciência é necessariamente a ‘tomada de consciência’ de que há possibilidades além do mundo natural e que elas estão à nossa disposição; de que há possibilidades (melhores e mais eficazes) que podem ser empregadas em prol de um determinado fim.

É esse “Best one way” que é, a rigor, o meio técnico e é o acúmulo desses meios que produz uma civilização técnica. Consiste, pois, o fenômeno técnico na preocupação da imensa maioria dos homens de nosso tempo em procurar em todas as coisas o método absolutamente mais eficaz. [...] Trata-se na realidade de encontrar o meio superior em sentido absoluto, quer dizer fundando-se no cálculo, a maior parte das vezes (ELLUL, 1968, p. 21).

Aqui se fundamenta a sociedade técnica, e se expõe o fenômeno técnico, de maneira que não é mais possível pensar uma sociedade como a nossa, moderna, sem pensar nos meios para realizar determinados fins, e tampouco que seja capaz de ‘sobreviver’ sem técnica. O fenômeno técnico se estende a todos os campos, pois nos preocupamos cada vez mais com a procura do melhor meio, o mais eficaz, e, assim, a sociedade técnica se funda na objetividade dessa busca.

Para melhor entender o que Ellul (2008) chama de fenômeno técnico é necessário percorrer o caminho conceitual proposto por ele. A racionalidade, a artificialidade, o automatismo, o autocrescimento, a unicidade e o universalismo são as características trabalhadas por Ellul (2008) na sua construção conceitual da técnica enquanto fenômeno. Estas direcionam para a última e mais importante característica da técnica moderna apontada pelo autor: a autonomia da técnica.

2. AS CARACTERÍSTICAS DA TÉCNICA E A AFIRMAÇÃO DE SUA AUTONOMIA.

A diferença entre técnica antiga e moderna é mais bem explicitada através das novas características que fazem parte da técnica moderna apontadas por Ellul (1968).

Primeiramente, Jacques Ellul (1968, p. 64) nos apresenta duas posições frente ao que ele chama de técnica: a primeira afirma que hoje nós temos tanta novidade quanto na Idade da Pedra, e que não devemos nos atemorizar, visto que a invenção

técnica data de milênios e não destruiu o humano, porque a técnica atual apresenta as mesmas características das precedentes; ao passo que a segunda salienta a técnica como um fenômeno totalmente novo, inigualável a tudo já apresentado na História. Assim, entre a época atual e as precedentes há uma mudança de natureza, de qualidade em consequência da mudança da quantidade presente de técnica. Tal mudança de natureza caracteriza a diferença entre técnica antiga e técnica moderna.

No entanto, se faz necessário lembrar que as características intrínsecas a qualquer técnica, como a operação mental ou o instinto humano, por exemplo, estiveram presentes na técnica antiga e continuam presentes na técnica moderna. Ellul nos dá dois exemplos que podem elucidar tal fato: “é certo que a operação mental que faz Arquimedes construir uma máquina de guerra é a mesma de qualquer engenheiro que aperfeiçoa um motor” (ELLUL, 2008, p. 64, tradução nossa), e “é igualmente certo que é a mesma espécie de instinto humano que leva o homem a colocar uma pedra na extremidade de uma vara e a construir uma metralhadora” (ELLUL, 2008, p. 64, tradução nossa).

Tais características não mudam com o advento da técnica moderna, continuam presentes e movendo os humanos em suas invenções. Contudo, essas características não conseguem provar, segundo Ellul (1968), que tanto as técnicas antigas quanto as atuais fazem parte do mesmo fenômeno, pois argumenta que existe uma diferença de natureza que se mostra nas novas características da técnica atual. Esta colocação pode ser resumida através de algumas diferenças apresentadas por Ellul (1968), nas quais as técnicas precedentes ou fundamentais são só intermediárias entre o humano e o meio, e as técnicas atuais ou que provêm da ciência aplicada são finalidades em si mesmas⁷ e não mais meios:

As técnicas provenientes da ciência aplicada datam do século XVIII e caracterizam nossa civilização. O fato novo é que a multiplicidade das técnicas as faz literalmente mudar de caráter; sem dúvida, são oriundas de princípios antigos e parecem o fruto de uma evolução normal e lógica; todavia, não constituem mais o mesmo fenômeno. Com efeito, a técnica assumiu um corpo próprio, tornou-se uma realidade por si mesma. Não é mais apenas meio e intermediário; mas objeto em si, realidade independente e com a qual é preciso contar (ELLUL, 1968, p. 65).

7. Michelangelo Trigueiro classifica como Essencialismo a abordagem de Jacques Ellul, pois este “trata a tecnologia como uma coisa em si mesma, como realidade própria, independente de suas relações com a experiência humana e com o contexto no qual se desenvolve” (TRIGUEIRO, 2009, 184 p.). Esse encaixe dos escritos de Ellul sobre a técnica no Essencialismo me chama muito a atenção, visto que o próprio Ellul faz uma análise do *fenômeno técnico*, apontando características desse fenômeno, e principalmente concluindo que tal fenômeno pode ser resumido através da autonomia da técnica. O tratamento dado por Ellul à técnica como um fenômeno autônomo, e, portanto, independente do homem, faz com que o fenômeno técnico se torne objeto em si, e, portanto, pertencente ao Essencialismo. No entanto, por descrever um fenômeno, me parece óbvio que tais escritos deveriam fazer parte também da corrente Fenomenológica da técnica.

Através da afirmação de que a técnica se tornou uma “realidade em si mesma”, Ellul (1968) argumenta que é preciso analisar as características que surgem da relação fenômeno técnico – sociedade, tanto nas civilizações primitivas como na civilização atual, a fim de distinguir a técnica antiga da moderna.

Temos um caráter incontestável, que devemos destacar como o primeiro relacionado às sociedades primitivas. Nelas, para o autor (1968) as técnicas aplicavam-se a domínios limitados, e limitados também em número, de tal modo que as técnicas mágicas compunham o contexto técnico existente, visto que era a multiplicidade da magia que garantia uma rigidez e mecanização àquelas sociedades, podendo assim, ser considerada a magia a origem das técnicas. Nelas a importância da técnica ainda não é primordial, e pode-se perceber que quando a técnica mágica perde espaço, cede seu lugar às técnicas de produção. Contudo, a ênfase permanece propriamente nas relações pessoais: os homens preferem ficar uns com os outros a pensar nos fins econômicos, ou seja, do que produzir mais e mais e “gerar mais renda”. Ellul (1968) destaca ainda que nas sociedades primitivas, ter o essencial para sobreviver, mas ter tempo para ficar com a família e companheiros era mais importante do que produzir, o trabalho era uma condenação e estar com as pessoas uma alegria, e, portanto, era melhor trabalhar menos e consumir menos. A limitação técnica nessas sociedades precedentes pode ser assim explicada:

Essa limitação acha-se confirmada pelo fato de que o homem das idades anteriores não tinha, de modo algum, sobre a importância da técnica, a nossa concepção. Sem entrar em impossíveis psicologias, é preciso, no entanto, reconhecer que o homem jamais ligou seu destino ao progresso técnico. Sempre o considerou como um instrumento relativo do que como um deus. Nunca esperou muito da técnica (ELLUL, 1968, p. 68).

Já nos dias atuais, não é possível pensar em comodidade sem pensar em técnica. Afinal, ela está nos diversos equipamentos que usamos diariamente e que trazem conforto para a vida conturbada da sociedade atual, “trata-se principalmente do que evita o esforço e permite o repouso, o que permite sentir-se fisicamente à vontade. Esse conforto está, pois, estreitamente ligado à vida material e se exprime no aperfeiçoamento do mobiliário da máquina” (ELLUL, 1968, p. 68).

A segunda característica destaca por Ellul (2008, p. 62) das técnicas nas sociedades anteriores se refere à invariabilidade de meios para atingir um determinado fim, ou seja, era necessário compensar o caráter obsoleto do utensílio que não era aperfeiçoado, com mais habilidade do usuário. Vale aqui ressaltar que apesar dessa atividade também poder ser reconhecida como técnica, ela é contrária à nossa técnica instrumental ou moderna, que visa eliminar a variabilidade de uso de usuário para usuário. Obviamente, o aperfeiçoamento do uso e a fabricação de

um novo objeto se complementam, ao passo que em sociedades precedentes a ênfase estava totalmente no humano e não no objeto técnico.

Por fim, a terceira característica da técnica precedente destacada por Ellul (1968) está relacionada à lenta e local propagação da técnica. Segundo ele, os grupos sociais permaneciam fechados e com pouca comunicação entre eles, o que tornava a imitação ou transmissão técnica lenta, visto que cada técnica em determinado grupo também era reflexo dos elementos naturais do local onde estava estabelecido e dos elementos sociais.

[...] a técnica pertence a um conjunto de civilização. Essa civilização era composta de elementos numerosos e diversificados, de elementos naturais, temperamentos e flora, climas e demografia, elementos artificiais, quer se trate da arte, da técnica, do regime político, etc. – e, em todos esses fatores, que se combinavam uns com os outros, segundo formas específicas, a técnica aparecia como um fator entre outros. Estava ligada aos outros, dependia deles tanto quanto eles dependiam dela própria. Pertencia a um todo que era essa sociedade determinada, desenvolvia-se em função desse conjunto e acompanhava sua sorte (ELLUL, 1968, p. 71).

Assim, uma técnica não era facilmente transmitida porque representava todos os valores de uma determinada civilização, ou seja, a técnica era “subjetiva em relação à civilização” (ELLUL, 1968, p. 72), a técnica era sinônimo de uma determinada realidade vivenciada pelo sujeito. E, por isso ainda não se podia determinar a melhor técnica dentre as técnicas existentes para uma determinada função, não se podia julgar meio algum pela sua eficácia, pois havia muita diversidade para cada função e conforme cada localidade.

Já, na Modernidade, a técnica tem sua aplicação generalizada em todos os setores e em todas as civilizações, não só em termos materiais, como os objetos e máquinas, mas também na aplicação organizacional, econômica e política, de modo que em todas as localidades encontramos a mesma técnica empregada para uma determinada função. À diferença da técnica nas sociedades primitivas, na Modernidade há mudança de foco da subjetividade para a objetividade, da moral para a eficácia.

O progresso técnico não é mais condicionado senão pelo cálculo da eficiência. A pesquisa não é mais de ordem experimental, individual, artesanal, mas de ordem abstrata, matemática e industrial. [...] É, pois, enquanto representante de uma tendência abstrata que o indivíduo é admitido a participar dessa criação técnica, cada vez mais independente dele, cada vez mais ligada à lei do cálculo. (ELLUL, 1968, p. 76-77).

À diferença do humano antigo, o papel do humano atual na escolha de técnicas muda. Ele passa a escolher dentre as técnicas qual é a mais eficaz em vista dos

fins que se deseja, além de outras várias razões, mas todas pensadas objetivamente. Constata-se que as características que designam a relação entre técnica, indivíduo e sociedade já não são mais as mesmas. Com a mudança de natureza da técnica, ocorre também uma mudança nessa relação, que gera o que Ellul (1968) chama de novas características da técnica, ou traços da técnica moderna, destacados a seguir.

A primeira característica é a *racionalidade*, que significa que em qualquer domínio em que seja aplicada a técnica, estará presente um processo racional, ou seja, uma redução ao esquema lógico. A segunda é a *artificialidade*. Toda técnica se opõe à Natureza. Toda técnica é artificial, ou seja, são objetos ou meios criados, produzidos. Tal mundo artificial destrói e domina o mundo natural, de modo que “caminhamos rapidamente para o ponto em que brevemente não mais teremos meio natural” (ELLUL, 1968, p. 82).

Ellul (1968) ainda nos chama a atenção para outras cinco características menos visíveis, porém igualmente próprias da técnica moderna, que são: o *automatismo*, o *autocrescimento*, a *unicidade* ou *insecabilidade*, o *universalismo*, e, por fim, a *autonomia*. E são nessas características que encontramos o grande diferencial da conceituação elluliana da técnica, pois o autor percebeu minúcias que não haviam sido tratadas anteriormente, e que enunciam o progresso tecnológico que estava por vir. Já não podemos falar em técnica moderna ou tecnologia atualmente sem considerar tais características.

O *automatismo* diz que não há escolha entre os métodos de que se dispõe, o que há é um método melhor que se impõe, de modo que a técnica se estabelece por si mesma, ou seja, o automatismo nada mais é que a impossibilidade de recusar a técnica que envolva a maior eficácia e racionalidade em sua solução.

Quando tudo foi medido, calculado, quando o método determinado é, do ponto de vista intelectual, satisfatório, e, do ponto de vista prático, revela-se eficiente, mais eficiente do que outros meios até então empregados ou postos em competição no mesmo momento, a direção técnica se estabelece por si mesma. O automatismo consiste em que a orientação e as escolhas técnicas se efetuam por si mesmas (ELLUL, 1968, p. 79).

Trata-se de uma análise racional e independente de aspectos subjetivos, de modo que a própria técnica escolhe *ipso facto* qual é o melhor método. O humano passa a ser apenas o sujeito que registra os resultados das análises dos métodos e opta pelo qual for mais eficiente. “Não é mais uma escolha: qualquer máquina pode efetuar a mesma operação” (ELLUL, 1968, p. 83). Deste modo, fica claro que, para Ellul (2008), não há possibilidade de escolha entre os métodos que estão à disposição, mas que o método mais eficaz é aquele que será sempre preterido, e, portanto, escolhido para realizar determinada tarefa. Assim, destaca dois aspectos

centrais do automatismo técnico: primeiro, a escolha entre os métodos efetua-se automaticamente; segundo, elimina-se automaticamente toda atividade que não seja técnica, como é o caso da atividade subjetiva humana, elimina-se toda a possibilidade de acaso.

Nada mais pode entrar em competição com o meio técnico. A escolha é feita *a priori*. Nem o homem nem o grupo pode resolver seguir qualquer outro caminho além do caminho técnico: estão com efeito colocados diante do seguinte dilema muito simples: ou bem decidem salvaguardar sua liberdade de escolha, decidem usar o meio tradicional ou pessoal, moral ou empírico, e entram então em concorrência com um poder contra o qual não tem defesa eficaz; seus meios não são eficazes, serão esmagados ou eliminados, e eles próprios serão vencidos, ou então resolvem aceitar a necessidade técnica; nessa hipótese, vencerão, submetendo-se, porém, de modo irremediável, à escravidão técnica (ELLUL, 1968, p. 87).

Já o *autocrescimento* consiste em dois aspectos importantes: o primeiro, a técnica é um fenômeno que já chegou a um ponto de desenvolvimento em que não precisa mais da intervenção significativa do humano para continuar progredindo; e o segundo, que consiste numa paixão dos humanos pela técnica que faz com que trabalhem em prol do aperfeiçoamento técnico. De fato, a técnica progride através de pequenos aperfeiçoamentos que se acumulam, formando um aperfeiçoamento maior e mais significativo. É através da pesquisa coletiva e anônima que as técnicas avançam. Além do mais, elas acontecem em toda parte e num mesmo momento.

Observa-se aí um surpreendente resultado do autocrescimento: verifica-se que as invenções técnicas são idênticas, no mesmo momento, em numerosos países, e, na medida em que a ciência assume cada vez mais um aspecto técnico (as descobertas científicas sendo na realidade comandadas pela técnica) essas descobertas ocorrem em toda parte ao mesmo tempo (ELLUL, 1968, p. 90).

O segundo aspecto do autocrescimento consiste em que ele se dá através da combinação das técnicas, de modo que o progresso técnico, uma vez começado, é irreversível; e este progresso tende a seguir uma progressão geométrica, na qual cada nova invenção tende a contribuir a outras novas invenções posteriores. A evolução técnica não possui limites, ou seja, a cada técnica pode-se acrescentar um novo aperfeiçoamento e eliminar o imprevisível.

Podemos concluir que, para Ellul (1968), ao ser possível combinar técnicas, criando outras, é que se torna possível o autocrescimento, que deve ser regido por duas leis: primeira, o progresso técnico não possui limites; e a segunda, o progresso técnico deve efetuar-se de acordo com uma progressão geométrica. Ou nas palavras do autor:

Quer dizer, em primeiro lugar: uma descoberta técnica tem repercussões e acarreta progressos em vários ramos da técnica e não em um só ramo; em segundo lugar: as técnicas combinam-se entre elas e quanto mais há dados técnicos a combinar, maior é o número das combinações possíveis (ELLUL, 1968, p. 94).

Para Ellul (1968, p. 96), tais aspectos não excluem a desigualdade entre as técnicas no que diz respeito à evolução dos ramos técnicos; uns evoluem mais que outros – e aqui está uma maior ligação entre o automatismo e o autocrescimento. O automatismo decide quais ramos vão evoluir mais, em razão da eficiência dos mesmos, ao passo que o autocrescimento possibilita o crescimento destes ramos. Assim como no automatismo, também no autocrescimento o humano possui apenas um papel registrador; aqui ele registra as combinações espontâneas das técnicas, os efeitos e resultados das técnicas umas sobre as outras. Aqui “[...] o homem desempenha um papel cada vez menos importante nessa evolução; [...] quanto mais evidente é o próprio progresso e menos pode exprimir-se a autonomia humana” (ELLUL, 1968, p. 96).

Portanto, aqui o homem não tem poder algum, são as leis internas da técnica que racionalizam, objetivam e coordenam as próprias operações técnicas: “a técnica traça ela mesma seus limites e modela sua imagem” (ELLUL, 1968, p. 97). Desse modo, o autocrescimento deve significar em última instância, que a técnica progride sem intervenção humana, e que este deve apenas verificar quais são os efeitos de uma técnica sobre as outras e principalmente os seus resultados.

A *unicidade ou insecabilidade* diz que o fenômeno técnico se apresenta como um todo, sendo possível verificar tal fato através da percepção, de que como fenômeno, todas as técnicas possuem as mesmas características. Em outras palavras, Ellul (1968) observa que o fenômeno técnico integrando todas as técnicas em seu conjunto, constitui uma totalidade que apresenta as mesmas características. Tal característica garante que a técnica não possa ser caracterizada (moralmente ou valorativamente) como boa ou má, justa ou injusta, mas apenas e exclusivamente técnica.

Estando diante de traços comuns às técnicas, fica fácil distinguir entre o que é técnica e o que não é. Contudo, não é possível distinguir o que é a técnica e qual seu uso: “Essas distinções são rigorosamente falsas e provam que nada se compreendeu do fenômeno técnico, cujas partes são ontologicamente ligadas e cujo uso é inseparável do ser” (ELLUL, 1968, p. 98). Portanto, ontologicamente, o ser da técnica não pode ser diferenciado de seu uso, pois é no seu uso que está a determinação do seu ser enquanto técnica, o que nos remete à conceituação das quatro causas do ser proposta por Aristóteles (2002), na qual uma dentre as causas que determinam o ser é a causa final, ou seja, o “para que serve” determinada coisa, sua finalidade, recuperando, assim, a tradição ontológica e filosófica aristotélica.

Segundo Ellul (1968), não devemos separar as técnicas instrumentais das técnicas sociais, ou seja, as técnicas de produção ou maquinárias não devem ser dissociadas das técnicas que visam intervir nos problemas e na administração da sociedade e nem das técnicas que manipulam diretamente os indivíduos. Tal separação seria um erro, pois se encaixaria na antiga concepção de técnica, ou seja, técnica seria apenas o maquinário; não seria possível aceitar que existem técnicas diversas e que abarcam todos os campos da sociedade. Ficando claro, portanto, que cada uma das técnicas, através de seus modos de ação e das necessidades que suprem, se combinam formando uma totalidade, na qual cada uma de suas partes sustentam e reforçam as demais, formando, assim, um fenômeno disposto, no qual cada elemento é indispensável. Portanto, podemos dizer que no mundo técnico tudo está ligado, e tudo deve acontecer de modo que não comprometa o funcionamento do fenômeno técnico. O importante é o conjunto do fenômeno técnico e seu funcionamento enquanto conjunto.

Podemos mencionar um exemplo, dado por Ellul (2008), de característica comum de todas as técnicas dentro do fenômeno técnico o seu valor “moral” que é estritamente técnico, ou seja, a técnica não pode ser valorizada como boa e nem má, pois ela é simplesmente técnica. Assim sendo, não há técnica má, mas sim um mau uso de que dela eventualmente se faz. Não é possível aceitar que o humano pesquise e deseje apenas técnicas boas em si, porque isso acabaria com os verdadeiros motivos de se buscar a técnica, que são estritamente técnicos. A técnica não obedece a motivos morais, mas apenas a motivos técnicos, possuindo assim uma moral própria. Deste modo, fica evidente que seria impossível suprimir a parte boa ou má da técnica e apenas ficar com uma delas⁸.

Para Ellul (2008), portanto, a técnica tampouco evolui em prol de um fim, mesmo que esse fim seja o bem do humano. A técnica é causal, e propor um fim é tirar sua própria natureza de ser um meio de fazer algo, e torná-la novamente subjetiva, a mercê da vontade do humano que deseja que determinado fim seja solucionado. Sendo, portanto, um meio, a técnica deve ser usada da maneira certa, da maneira técnica, ou seja, sem possibilidade de escolha. O homem não pode escolher qual a maneira que deseja usar determinada técnica, pois, se isso fosse possível, a técnica não seria objetiva e sim subjetiva; o foco estaria no homem e não no objeto. E no fenômeno técnico o foco é o objeto e seu determinado uso.

De fato, não há diferença alguma entre a técnica e seu uso. Formularemos, portanto, o seguinte princípio: o homem está colocado diante de escolha exclusiva, utilizar a técnica como o deve ser, de acordo com as regras técnicas, ou não utilizá-las, de

8. Quando se refere em parte boa ou má da técnica se pretende introduzir a ideia de que a técnica pode causar benefícios e malefícios, mas que estes advêm da técnica enquanto técnica, e, portanto, do uso técnico de uma determinada técnica, sendo impossível usá-la de modo técnico, eliminando, por exemplo, apenas as consequências más de tal uso.

modo algum; mas é impossível utilizá-la a não ser de acordo com as regras técnicas (ELLUL, 1968, p. 101).

Assim, afirmamos que a técnica é o seu uso, ou nas palavras de Ellul: “A técnica é, por si mesma, um modo de agir, exatamente um uso” (ELLUL, 1968, p. 101). E fazer outro uso da técnica que não o seu uso técnico é fazer com que ela não produza o que tem de produzir, de modo que mais uma vez a técnica deixaria de ser objetiva e eficaz, deixaria de ser o que é, pois estaria à mercê da escolha humana no que diz respeito ao uso. Tal ideia de uso da técnica a partir da escolha humana só pode ser aqui ajustada como contrária à concepção de técnica moderna tal qual Ellul (2004 e 2008) nos apresenta, de modo que fica claro que é impossível distinguir o uso da técnica de seu próprio ser.

Exatamente por possuir um uso próprio, ou seja, um uso técnico, e, assim, não estar relacionada à possibilidade de escolha humana – escolha esta que pode errar – é que a técnica não pode ser valorizada como boa nem má. Ela possui um uso, ela é o uso, e este uso só pode ser determinado e visar um fim também determinado. O humano apenas pode desejar que o fim seja alcançado pela técnica em questão, e ele a usará independentemente de qualquer valoração. O humano deseja usar toda e qualquer técnica que esteja a sua disposição, mesmo que esta seja desnecessária para sua sobrevivência ou conforto: “Porque tudo o que é técnico, sem distinção de bem e de mal, é forçosamente utilizado quando está ao nosso dispor” (ELLUL, 1968, p. 103).

Em resumo, cabe aqui salientar que a unicidade é exatamente aquele traço que diz que todas as técnicas possuem as mesmas características, e que são estas características que fazem que o conjunto das técnicas seja um fenômeno unitário.

Já o *universalismo* versa sobre dois aspectos: o geográfico e o qualitativo. O universalismo é geográfico porque a técnica atinge todos os países, e é qualitativo porque não depende das mãos que a utilizam. A técnica para ser usada de modo técnico não depende da localidade no qual o homem mora, mas sim do modo como é utilizada, “[...] a técnica não precisa para o seu uso de um homem ‘civilizado’; seja qual for a mão que a utilize, a técnica produz seu efeito mais ou menos totalmente, e nem é preciso dizer se o homem é mais ou menos absorvido” (ELLUL, 2008, p.107, tradução nossa).

Mas absorvido pelo o que? Pelo fenômeno técnico, pela técnica! Pois este – o fenômeno técnico – está na atualidade em todas as civilizações e enquadra todas as civilizações sob os princípios técnicos. Lembrando que Ellul (1968) elucida que a expansão da técnica ocorre através das causas históricas, como o comércio e a guerra, sendo esta última responsável por uma adaptação brusca do homem “selvagem”;

e, também, através de fatores técnicos como a rapidez e a intensidade dos meios de comunicação, responsáveis por disseminar os produtos pelo mundo.

Ademais, a exportação de técnicos também causa a *universalização* das técnicas, através da exportação de ideias e da capacitação de novos técnicos, da mesma forma que uma infraestrutura unificada facilita a interação técnica entre todas as partes do mundo. Todos os aeroportos devem ter uma infraestrutura parecida para que se possa ter aviões de diversas partes do mundo pousando e decolando de suas pistas, por exemplo. Ou ainda as regras de produção científica num laboratório, bem como os equipamentos do mesmo devem ser parecidos, para que um técnico ou cientista possa atuar em qualquer laboratório.

Obviamente essa universalização traz consigo algumas consequências, como a transformação de velhas civilizações, nas quais elementos essenciais como a religião desaparecem ou se enfraquecem. Os valores mudam ou desaparecem para que haja o surgimento de outros:

Essa invasão não produz apenas uma simples adição de novos valores a valores antigos, não funde uma nova matéria em uma forma que subsiste. Não se põe vinho novo em odres velho; os velhos odres estão estourando. Essas velhas civilizações desmoronam em contato com a técnica. Isso se manifesta em todas as formas possíveis (ELLUL, 1968, p. 123).

O universalismo ocasiona a mudança total na vida dessas civilizações, pois reduz tudo aos padrões da eficiência e da racionalidade. Tal mudança ocorre porque a técnica exige uma transformação total da vida: muda o trabalho, as máquinas, os modos de cooperação e administração racional.

Ellul (1968) afirma, portanto, que a técnica deve ser *totalitária*, e atingir o maior número possível de fenômenos; somente assim ela pode ser eficaz e científica. Ela deve impor a sua própria axiologia de modo que a racionalidade instrumental e a eficácia sejam os novos credos da sociedade. Afinal, é somente através da fixação de um método técnico que é possível dizer que tudo está subordinado à técnica, e contra este método o homem não pode lutar.

Diante da técnica o homem se rende, pois necessita dela. Ele não consegue dizer não aos avanços da técnica, afinal ela facilita sua vida, lhe causa menos esforço – ao menos aparentemente – lhe dá segurança e conforto. Seduzindo o homem por completo, a técnica torna a civilização que antes tinha como centro o homem, numa civilização técnica que depende totalmente da técnica.

A fórmula é exata, e é preciso avaliar sua importância: ‘civilização técnica’, isso significa que nossa civilização é construída pela técnica (faz parte da civilização unicamente o que é objeto de técnica), que é construída para a técnica (tudo o que

está nessa civilização deve servir a um fim técnico), que é exclusivamente técnica (exclui tudo o que não o é ou reduz a sua forma técnica) (ELLUL, 1968, p. 129).

Portanto, técnica é civilização. Técnica é universal. Ela deve atingir todos os aspectos de uma sociedade, bem como deve atingir todos os espaços geográficos e deve ser entendida e usada (tecnicamente) por todos os homens. Considerando tal ideia do autor, a técnica seria, então, atualmente responsável pelo processo de globalização, tanto de modos de vida, como de valores de vida. Os primeiros estritamente ligados ao modo de vida nas grandes cidades, que tecnificam toda e qualquer produção ao serviço, tornando as relações cada vez mais impessoais, e os segundos ligados aos próprios valores da técnica, ou seja, buscando nas relações humanas mais praticidade e eficácia.

Todos estes aspectos aqui demonstrados garantem a afirmação do *caráter autônomo* da técnica. Tanto o automatismo, como o autocrescimento, ou a unicidade e o universalismo, garantem à técnica sua autonomia. Ou seja, todos estes traços juntos formariam o segundo grande argumento em favor da autonomia da técnica. Todas estas características tiram do humano seu poder de escolha frente a técnica, priorizando a racionalidade, a lógica, e principalmente a eficiência, e deste modo, o que está em questão não é mais a opinião do humano sobre determinada técnica, mas sim a eficiência de determinada técnica ao ser utilizada como meio para um fim, de modo que garanta que o fenômeno técnico prospere, sendo assim autônomo. Em outras palavras “[...] a procura do mais eficiente meio de realizar coisas torna-se a consideração suprema; e esta procura é o que chamo de ‘técnica’” (ELLUL, 1974, p. 69).

Por isso, a técnica se desenvolve seguindo suas próprias leis, e em concordância com que Ellul expõe (2008), podemos dizer que ela não está a serviço da sociedade, mas é esta que está a serviço dela, constituindo assim o que Ellul denomina de autonomia da técnica, ou determinismo técnico.

Técnica autônoma significa em última análise, que ela depende apenas de si mesma e traça seu próprio caminho; ela é o fator principal e não o secundário, ela deve ser considerada como um “organismo” fechado que se autodetermina: uma meta por si só. A autonomia é a própria condição do desenvolvimento técnico. [...] Cada elemento técnico é adaptado ao sistema técnico, e é em relação a ele que tem sua verdadeira funcionalidade, mais do que em relação a uma necessidade humana ou uma ordem social. [...] Ao exercer essa função, a técnica não suporta julgamentos vindos de fora, nem freios: ela se apresenta como uma necessidade intrínseca. [...] O sistema técnico, incorporado naturalmente pelos técnicos, não admite nenhuma outra lei, nenhuma outra regra além da lei e da regra técnica prevista em si e com relação a si mesma (ELLUL, 1977, p.137-138, tradução nossa).

Mas e o que vem a ser a autonomia da técnica? A autonomia é a condição de desenvolvimento técnico, na qual a técnica deve operar de modo cada vez mais eficaz e rápido. Para que seu desenvolvimento prospere desta forma a técnica deve única e exclusivamente obedecer às suas próprias leis, pois ela é dotada de força própria, rege a si mesma, e possui autonomia de seus fins e da totalidade de suas regras, de modo que nenhum desejo humano poderá modificá-la.

Pois bem, segundo Ellul (1977) a técnica é um organismo fechado que não é modificado pelos fenômenos sociais, bem como é autônoma com relação à economia e à política, e tampouco depende da vontade moral dos homens. Deste modo, é ela, a técnica, que provoca mudanças sociais, mas sem ser modificada pelos fenômenos sociais, pois é uma realidade em si, que se basta a si mesma.

A técnica condiciona e provoca as mudanças sociais, políticas e econômicas. É motor de todo o resto, apesar das aparências, apesar do orgulho do homem que pretende que suas teorias filosóficas ainda têm uma força determinante e que seus regimes políticos são decisivos na evolução. Não são mais as necessidades externas que determinam a técnica, são suas necessidades internas. Tornou-se uma realidade em si, que se basta a si mesma, com suas leis particulares e suas determinações próprias (ELLUL, 1968, p. 135).

A técnica não suporta valores morais e nem julgamento algum; ela não suporta nenhuma limitação. “A técnica não progride em função de um ideal moral, não busca realizar valores, nem visa uma virtude ou um bem” (ELLUL, 1977, p. 158, tradução nossa). Ela deve estar livre de seu principal freio, que é a ação humana. Não pode ser submetida à moral tradicional, pois deve ser independente para que exerça de fato o que é. Ela não pode ser julgada, porque não é nada humano, mas tudo pode fazer.

Um grau acima, porém, e a autonomia se manifesta em relação à moral e aos valores espirituais. A técnica não suporta nenhum julgamento, não aceita limitação alguma. É em virtude da técnica muito mais que da ciência que se estabeleceu o grande princípio: cada um em seu domínio. A moral decide problemas morais; quanto aos problemas técnicos, não lhe cabe opinar. Somente critérios técnicos devem ser postos em jogo. Julgando-se a si mesma, a técnica acha-se evidentemente liberada do que representava o principal entrave (válido ou não, pouco importa no momento – verifiquemos apenas que se tratava realmente de um entrave) à ação humana (ELLUL, 1968, p. 136).

Sua autonomia elimina toda e qualquer variabilidade que poderia ser concedida pela ação e escolha humana. Sua autonomia é garantida pela objetividade de todas as outras características constituintes da técnica. Portanto, “autonomia quer dizer que a técnica tem em si mesma sua própria finalidade. Ou, com outras

palavras, a rejeição de tudo quanto interfira com a norma da eficiência” (CUPANI, 2012, p. 209).

Para Ellul (2008), a técnica é também autônoma, porque não pode ser julgada como boa ou má. Afinal, somente as ações humanas podem ser julgadas, pois estas dependem do critério de escolha; ao passo que as operações das coisas são objetivas, e, portanto, não possuem um valor moral de bem ou mal – não se escolhe se tal procedimento acarretará resultados bons ou maus, mas sim que serão eficazes para determinado fim – como as ações humanas. À técnica pertence, como já mencionamos, uma moral nova, que não faz parte da moral humana, mas sim do fenômeno técnico. E Ellul explicita tal fato comparando o trabalho do técnico com o trabalho do pesquisador:

[...] a técnica não suporta nenhum julgamento moral. O técnico não tolera nenhuma inserção da moralidade em seu trabalho: deve ser livre, parece óbvio que o pesquisador não precisa se perguntar sobre o problema do bem ou do mal, da licença ou da defesa de sua pesquisa. Esta é, simplesmente. Mas é exatamente o mesmo para a aplicação: o que foi encontrado se aplica, simplesmente. O técnico aplica sua técnica com a mesma independência que o pesquisador (ELLUL, 1977, p. 159, tradução nossa).

A técnica é autônoma, porque obedece apenas às suas próprias leis e aciona suas próprias características, garantindo a si mesma a possibilidade de manter o fenômeno técnico o mais objetivo possível, longe de toda e qualquer indecisão humana.

A palavra autonomia é um adjetivo que se aplica aos seres que se regem por suas próprias leis. No caso da técnica moderna, isto equivale a dizer que ela não é determinada pelos valores e fins que são estabelecidos pelos seres humanos, senão que se governa a si mesma e se determina a sua lei. A lei que a governa é a da eficácia [...] Assim, a técnica entendida como método eficaz se converte em um fim em si mesma. Escapa ao controle humano porque possui um impulso e uma motivação próprios (PERALTA-SÁNCHEZ, 2003, p. 96, tradução nossa).

Portanto, concluímos que o único imperativo que a técnica segue é o da eficácia, e para alcançá-la toda e qualquer subjetividade deve ser excluída de seu funcionamento, ou seja, ela só pode ser guiada por seus próprios valores, como a racionalidade, a objetividade e a eficácia. E seguindo os seus próprios valores é que ela se torna e se faz autônoma, afinal não depende mais do querer humano.

A técnica é uma estrutura de procedimentos racionais e eficientes, uma coleção de ordens, esquemas e mecanismos. Tudo isto expressa muito bem uma ordem necessária e um processo determinado, mas uma ordem em que a liberdade, a heterodoxia e a esfera do gratuito e espontâneo não podem penetrar. Tudo que este

último poderia introduzir é discórdia e desordem. (ELLUL, 2004, p. 123, tradução nossa).

Assim, o determinismo técnico entra em foco como modo de regência da modernidade, transformando o humano e seu modo de vida em objeto da técnica (ELLUL, 1974), ao passo que o humano ainda continua a acreditar que é dono e senhor da técnica, mesmo sem poder influenciá-la de modo algum com seu querer e valores morais, pois a técnica para alcançar o seu ser, sempre prezará pela total eficiência, e, por isso, possuirá total credibilidade, afinal possui uma grande habilidade para resolver uma infinidade de problemas. E, nessa credibilidade mora um risco segundo o autor, pois se o humano acredita “[...] nela em vez de simplesmente tentar entendê-la como um processo racional” (ELLUL, 1974, p. 73), então ele assumi uma atitude religiosa perante a técnica, ele “renuncia à sua independência, esperando que esta misteriosa força nova pense por ele” (ELLUL, 1974, p. 73).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ellul (1968) considera a técnica moderna distinta em certa medida da técnica antiga, pois o seu imperativo muda, se antes se produzia menos e o foco era o sujeito, agora o foco está no objeto e na produção cada vez mais eficaz. E para se ter cada vez mais produção e eficácia tudo que não é técnico, como a moralidade ou a subjetividade humana, é excluído do fenômeno técnico.

A técnica não pode mais ser vista apenas como máquina, mas antes ela é um fenômeno muito maior que atinge todos os aspectos e estruturas da sociedade, ela está presente em todo e qualquer segmento da sociedade, e Ellul nos mostra isso ao apresentar outras técnicas além do maquinário, sejam elas as técnicas do Estado, as técnicas econômicas e as técnicas do homem⁹.

A conceituação apresentada aqui, que Ellul (2008) desenvolve ao trabalhar a temática da técnica, garante que a técnica seja percebida como um fenômeno peculiar e proveniente da capacidade humana de produzir objetos e conhecimento, mas que não depende do poder de escolha humano. O fato de a técnica ter se tornado um fenômeno na qual não é possível relacionar às características intrinsecamente humanas, como a moralidade, faz com que os imperativos da racionalidade, da instrumentalização e da eficácia sejam cada vez mais vivenciados pelo humano quando este vivencia a realidade técnica. A técnica se torna autônoma, independente, e, não é mais possível fazer com que a técnica seja subjugada à vontade humana pura e simplesmente. Ao contrário é o humano que se torna subjugado à técnica

9. Tais técnicas não são objeto deste artigo. Para saber mais sobre o assunto consultar os capítulos 3, 4 e 5 do livro “*A técnica e o desafio do século*” de Jacques Ellul.

e às suas regras e leis. E aqui mora um dos grandes perigos para o humano, pois este não mais seria singular, mas apenas manipulado pelos imperativos técnicos. A indicação de tal perigo faz com que Ellul (2004 e 2008) seja reconhecido entre os autores que possuem uma visão pessimista da técnica, apesar de sempre negar que veja a técnica como algo ruim para o humano, afirmando sempre que é preciso saber como ela funciona para que saibamos lidar com ela (ELLUL, 1974) ou ainda que sua “tese é que o progresso técnico contém simultaneamente o bem e o mal” (ELLUL, 2004, p. 144, tradução nossa). E, ainda afirma que, “não é possível pensar que a técnica não contribua para nós, mas não devemos pensar que o que ela nos dá é gratuito” (ELLUL, 2004, p. 139, tradução nossa), afinal todos os benefícios que a técnica pode trazer para a vida contemporânea possuem em si riscos eminentes, como o caso da destruição ambiental em favor de uma maior produção técnica, seja agrícola ou industrial.

Tal conceituação técnica elluliana (2008) não se distancia da conceituação heideggeriana (2006b), ao contrário, elas se complementam e devem ser lidas conjuntamente, para que a conceituação de técnica sob a indicação de fenômeno se torne mais concreta. Tanto a “Gestell” heideggeriana (2006b) como a autonomia da técnica de Ellul dizem respeito ao mesmo fenômeno: a técnica moderna como uma entidade capaz de dominar o humano e dele não mais depender para progredir, visto que deve ser regido apenas por suas próprias regras.

O fato é que a apresentação de Ellul sobre a técnica nos mostra que ele está preocupado com a técnica moderna como fator influente na sociedade moderna, reconhecendo o contato íntimo da técnica com o humano. No entanto, ele também vê a técnica como um sistema que não sofre a influência de nada que não seja de suas próprias regras e de seu próprio sistema, em outras palavras, a técnica só obedece a si mesma. E tal conceito é equiparável ao conceito de “Gestell” heideggeriano (2006b), de modo que Ellul torna mais evidente o que Heidegger quis explicitar em “A questão da técnica”.

Através dessas características observadas pelo autor e apresentadas neste artigo, é possível dizer que a técnica está a serviço de si mesma, gerando mais técnica através dela mesma, ou seja, ela é um fenômeno fechado que não sofre influências sociais. A técnica, portanto, é um sistema que se auto-determina através de suas próprias leis e regras, é um sistema que se basta a si mesmo. Sendo um sistema que se basta a si mesmo, a técnica não pode ser caracterizada como extensão do humano, pois, o humano, por sua vez, só participa do sistema técnico como contribuinte para a evolução e autonomia e não para interferir ou dominar ele. A técnica já não é mais um meio que o humano utilizava para interferir na natureza, ao contrário, a técnica é uma finalidade em si mesma. “Com efeito, a técnica assumiu um corpo próprio, tornou-se uma realidade por si mesma. Não é mais apenas meio e intermediário;

mas objeto em si, realidade independente e com a qual é preciso contar” (ELLUL, 1968, p. 65).

Através dessa característica da técnica, podemos dizer que Ellul (1968) caminha ao encontro da ideia que técnica moderna não pode mais ser entendida apenas como sendo uma atividade humana ou um meio para um fim, ou ainda como sendo os maquinários e instrumentos, pois tal definição seria simplesmente uma definição instrumental e antropológica da técnica, que não alcançaria toda a complexidade do fenômeno. Portanto, a conceituação da técnica moderna, através de uma definição instrumental e antropológica, só alcança uma parte do fenômeno, e não sua integralidade e nem sua essência principalmente.

Para irmos além de uma concepção instrumental da técnica é preciso percorrer o próprio trilhar técnico. O trilhar que faz da técnica um dispositivo que está à disposição do humano, mas que apesar disso, não depende dele para regê-lo, pois sua regência se encontra tão exclusivamente em suas próprias regras.

É possível ainda afirmar que Ellul (2008) previu a formação de um novo tipo de técnica, que ele chama de organizacional. Entretanto, podemos dizer que a técnica organizacional elluliana é na nossa realidade contemporânea a técnica informacional, pois através de suas regras e da transformação de todas as coisas em dados, é que se tornou possível manipular e transformar a realidade. Assim, técnica organizacional elluliana não seria nada mais que a técnica informacional transposta para as mídias digitais, para o mundo do computador e dos dados. Além disso, Ellul ainda previu o risco da técnica apenas nos aproximar de um conhecimento cultural superficial, pois em suas palavras, a técnica “nos permite progredir quantitativamente ao nível da cultura geral, mas, ao mesmo tempo, nos impede de fazer progressos em seu aprofundamento” (ELLUL, 2004, p. 139, tradução nossa), afinal manipula o humano através de suas regras e valores, sempre à favor de seu progresso e autonomia, como é o caso da industrial cultural e de sua cultura de massas já enunciada por Adorno e Horkheimer (1985).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T., HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. ensaio introdutório, texto com tradução e comentário de Giovanni Reale. V.II, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BENAKOUCHE, T. Tecnologia e Sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. In: *Redes, Sociedades e Territórios*. Organizadores: DIAS, Leila Christina., LIMA DA SILVEIRA, Rogério Leandro. 1ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 79-106.

BARRIENTOS-PARRA, J. *A Relevância do Pensamento de Jacques Ellul na sociedade contemporânea* In: Seminário Brasileiro sobre o Pensamento de JACQUES Ellul. n. 1. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2009. p.19-26.

BARRIENTOS-PARRA, J. Revisitando o pensamento de Jacques Ellul na sociedade do século XXI (resenha). *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 425-30, 2015.

BOEKEL, J. van. *The Treachery Of Technology*. [Filme – Vídeo]. Direção de Jan van Boekel; Produção de Jan van Boekel (ReRun Producties). Amsterdam: 1996. 50 min. color. son., documentário. Disponível em: <http://www.rerunproducties.nl/film%20ellul.htm> (acessado em 10 de julho de 2011).

CUPANI, A. *Filosofia da Tecnologia: Um convite*. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

ELLUL, J. *A Técnica e o Desafio do Século*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968.

ELLUL, J. Conformismo e a Base lógica da Tecnologia. In: *O Preço do Futuro*. Organizadores: URBAN, G.R., GLENNY, Michael. 1ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1974. p. 64-75. Entrevista concedida a G. R. Urban.

ELLUL, J. El Orden Tecnológico. In: *Filosofía y tecnología*. Organizadores: MITCHAM, Carl. MACKEY, Robert. 1ª ed. Madrid: Ediciones Encuentro, 2004. p. 112- 151.

ELLUL, J. *La Technique ou l'enjeu du siècle*. 2ª ed. Paris: Editora Economica, 2008.

ELLUL, J. La technique considérée em tant que système. *La Technique – Cahiers Jacques Ellul n.2: Pour une critique de la société technicienne*. Organizador: Patrick Troude-Chastenet. 1ª ed. Bouscat: Editions l'Esprit du Temps, 2004b. p. 49-66.

ELLUL, J. *Le système technicien*. 1ª ed. Paris: Calmann-Lévy, 1977.

GRAS, A. Jacques Ellul, l'illusion du progrès technique et la nécessité de la décroissance. *La -Technique – Cahiers Jacques Ellul n.2: Pour une critique de la société technicienne*. Organizador: Patrick Troude-Chastenet. 1ª ed. Bouscat: Editions l'Esprit du Temps, 2004. p. 87-92.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Ensaios e Conferências*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2006b. p.11-38.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2006.

MITCHAM, C. *Thinking Through Technology*. Chicago: The Univ. of Chicago Press, 1994.

MUMFORD, L. *Técnica y Civilización*. 3ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

PERALTA SÁNCHEZ, A. F. *La noción de ambivalência de la técnica em Jacques Ellul*. In: *Sistemas e Telemática* Vol. 1, n. 2, p. 91-103. Cali: 2003.

PINCH, T. J., BIJKER, W. E. La construccions social de hechos y de artecfatos: o acerca de cómo la sociologia de la ciência y la sociologia de la tecnologia pueden beneficiarse mutuamente. In: *Actos, actores y artefactos*. Coordinadores: THOMAS, Hérmán., BBUCH, Alfonso.. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2008. p. 19-62.

TRIGUEIRO, M. G. S. *O debate sobre a autonomia / não-autonomia da tecnologia na sociedade*. In: *Sociologias*. ano 11, n. 22, p. 158-197. Porto Alegre: jul./dez. 2009.